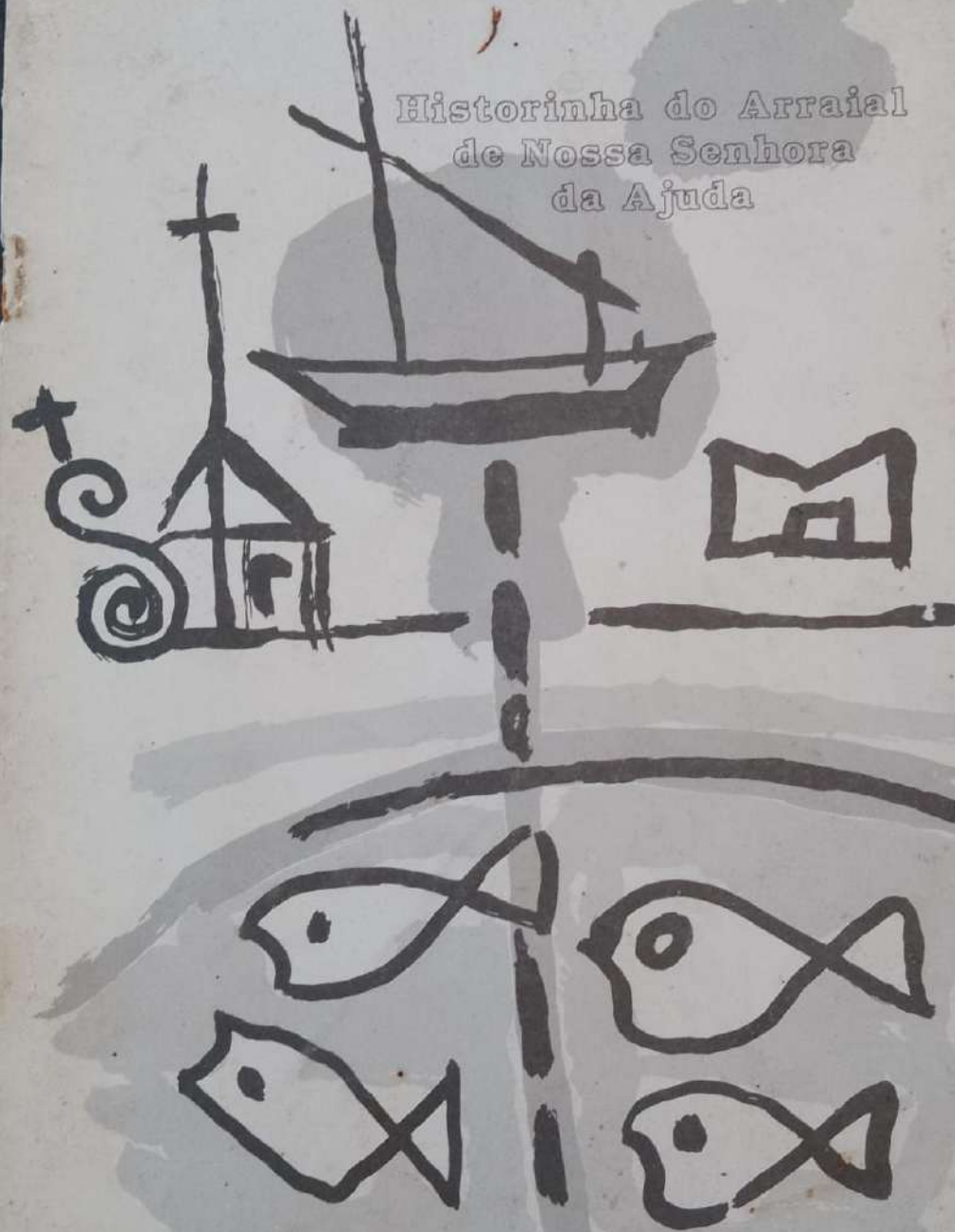


PINHEIRO PUCU

Historinha do Arraial
de Nossa Senhora
da Ajuda



Arraial de Nossa Senhora d'Ajuda - Porto Seguro - Bahia

O Arraial pra mim tem o quadro real de amor e dor. Antigo e novo, transfigurado pela sua difícil marcha no tempo, na sua transformação e sobrevivência, coube-lhe a aparência real e irreal, refletida no espelho azul, do magnetismo do chamado paralelo 17. Tem dois lados: um farto e outro escasso - herança carmática do "Velho Mundo".

Seus moradores mais antigos, descentralizados dos costumeiros encontros coloquiais, retraíram-se uns; outros cruzaram os braços, apreciando a enorme onda de "gente de fora" a se espalhar, fingindo que se dão bem com o impertinente barulho promovido pela Indústria-de canos-de-escapes. Só resmungam, só suportam; a zoadá, a poeira e o lixo. Ninguém reclama em voz alta, porque o Turismo é a base da sobrevivência econômica dos seus moradores e a gula de quase todos os pousadeiros que aqui chegaram (e chegam!) "arcondicionando" e "piscinando" o ambiente edênico, o paraíso tropical. Olhando a invasão dos "outros", com o sentimento devassado, assistindo às construções nos espaços que outrora foram seus. A derrubada do verde, de cada um que chega, pensando num cômodo a mais. Pensando pousadas, suando na brisa. Arreganhando os dentes sem cessar durante todo o verão.

Dona Naninha, com seus oitenta anos, denunciou a matança ecológica do Barbatimão, quando saiu percorrendo a periferia do lugar, em busca do remédio pra sarar uma enfermidade de sua nora e não o encontrou: "Tinha um pé ali, na ladeira do Mucugê, e não tem mais. Fui pelo caminho da praia, também não encontrei nada". E num esforço de memória, recorda de mais um que havia adiante, não pode a ele ter acesso, pois o mesmo estava dentro de um quintal, "na pousada do Francês!".

Sob o impacto da chegada dos turistas a partir dos anos 70, o povoado se avexou, dando início à uma disputa interna e a choques entre situações desestruturadas de ambos os lados. Mas logo A'juda ganhou fama de "internacional" e começaram a surgir os primeiros negócios em dólares e a sua rua principal-a antiga Rua da Palha-passou a ser Chamada de broduéi:

PINHEIRO PUCU

Historinha do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda

Arraial de Nossa Senhora d'Ajuda
Porto Seguro - Bahia

“Todos nós julgamos escrever a História
quando apenas escrevemos para a História”

Câmara Cascudo

“É preciso certeza, confiança e coragem pra
assumir o papel ativo nas nossas vidas. Mas
é preciso...senão nos vendemos, nos entregamos... nos esquecemos”.

Glória Bonilla

AGRADECIMENTO

Num momento difícil, este livrinho saiu. Sou grato aqueles que me ofereceram um espaço para que eu pudesse trabalhar os originais: Hélio Santos e Zézé, Gildete Ricaldi Ribeiro, Fernando Gonçalves, Jackson Kleiton Pereira, A. B. Régis e Helena, Nilson Moura e Zélia.

Não fôsse o "impulso" de Dona Durvalina Voss e a força do meu amigo mais velho, Evaristo Meirelles Pucu, meu pai, esta publicação não seria possível.

Homenagem Póstuma

Wander Kleiton Pereira
Pedro Norueguês
Cumpadre Benedito Nunes da Silva

O Arraial de Nossa Senhora da Ajuda - batizado com este nome de tradição cristã-branca - foi mais uma homenagem a Tomé de Souza e aos primeiros jesuitas que aqui chegaram em 1549, com suas três naus: *Conceição, Salvador, e Ajuda* - que viariam a ser "nomes da cidade e de suas primeiras igrejas". (1).

O Arraial, entretanto, não participa da chamada "rede urbana do século XVI", como Porto e Cabralia, que balançaram logo nos primeiros anos do "Achamento Português" do Brasil, a partir de 1500. Antes da construção da igreja ou praticamente no início dos anos de 1500 não era nada além de um planalto ou de uma "coroa de um oiteiro" onde havia uma plantação de um canavial. Até mesmo por essa época a igreja-nha era citada como se fôsse situada "na capital de Porto Seguro, pelo padre Francisco Pires que chegou por aqui em 1550" como registra Rodolfo Garcia, no livro do padre Fernão Cardim (2).

Na formação do povoado, o ciclo da cana-de-açúcar, foi o seu 1º passo em falso, comprovando-se com o relatório do Duque de Lemos, Capitão de Porto Seguro, em 14 de julho desse mesmo ano: "*Os armadores desta capitania e moradores della, não tinham outro repairo para pagarem fretes de seus navios por ainda haver pouco asuquere.*" (3).

Também o ciclo do cacau que só começou a se desenvolver a partir de 1720. Até 1855 quando era a base econômica de toda a Bahia. Relativamente, tiveram influências, como a da pesca, da farinha de mandioca, da piaçava, etc. Mas a maior de todas foi sem dúvida a *Romaria*, a peregrinação religiosa, donde centenas de indivíduos vinham de "*algumas partes da costa, em romaria, e outros para o mesmo efeito mandam buscar água dela.*" (4).

A própria palavra ROMARIA traz o significado de "festa de arraial" ou "reunião de pessoas que formam arraial", segundo os filólogos.

Propagado pelos jesuitas, que "*fez Nossa Senhora mercê de abrir milagrosamente aquela fonte*" (5), a boa nova do milagre se espalhou por todas as capitanias do Brasil. Até daí ficou co-

nhecido, não como povoado, mas, como escrevia Anchieta: um lugar que ficava a uma légua da povoação dos portugueses" - isto é, a seis quilômetros de Porto Seguro. O Arraial quase ou sem ninguém. No próprio livro de Cardim, faz-se referência a Porto e não ao Arraial, quando Francisco Pires é citado: "*A ermida de N.S. da Ajuda foi fundada na capital do Porto Seguro pelo padre Francisco Pires*" (6).

Na segunda metade do século XVI, Shouthey relata que por aqui o pânico se espalhou, quando, revoltados, os Aimorés destruíram engenhos, incendiaram casas, enfim, arruinaram Porto Seguro. E, se por aqui existiu alguma aldeia, também, por certo, sucumbiu.

Cem anos depois, o Ouvidor Tomé Couceiro de Abreu escrevendo ao rei de Portugal sobre as "Vilas e Rios da Capitania de Porto Seguro", faz menção a de Trancoso e Vale Verde, mas, não menciona Ajuda. Quer dizer, pelos anos de 1763 o Arraial não existia, nem como aldeia ou vila.

Não há documentos que comprovam, nem vestígios "existenciais", de que aqui, um dia, foi vila, Gabriel Soares, dar a entender que aqui se chamava Vila de Santo Amaro: "*De Porto Seguro à villa de Santo Amaro é uma légua, onde está um pico mui alto, em que está uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que faz muitos milagres*". (7).

No livro "Porto Seguro - Da aldeia de Pescador a Aldeia Global (8), o autor, chama o Arraial de "Vila de Insuacome". Na minha opinião, ambos trocaram de lugar, por que Ajuda é um visinho de terra à vista de Porto Seguro, entre os rios Buranhém e Rio da Barra. Não se coloca em dúvida que ambas as vilas existiram, tanto a de Santo Amaro como a de Insuacome, mas, não, nesse território ou só de foi por extensão de limites das escrituras do Santo Offcio. Temos a favor, o testemunho do cientista Maximiliano que comprovou em 1815/17, caminhando pelo litoral, de Caravelas a Belmonte, onde encontrou: "*Uma planície seca de campos denominada Jauacema ou Juacema. Nesse local, de acordo com a tradição dos moradores, houve, outrora, nos primórdios da colonização portuguesa, a grande e populosa Vila do mesmo, ou Insuacome, mas que, a maneira de Santo Amaro, Porto Seguro foi destruída pela guerra*". (9)

Discorrendo sobre os aspectos sócio-econômicos das "Vilas Criadas em 1758", diz Luis Dias Tavares que o Tribunal do Conselho de Ultramar, com sede em Salvador, mandava

proceder um levantamento minucioso da situação das aldeias. Em principal, "*duas ordens de preocupações*": "*Os índios possuíam condições materiais de subsistência? Existiam elementos indígenas capazes de responder pela administração, defesa e manutenção das aldeias?*" (10).

Essas condições sobraram a Trancoso e Vale Verde que faziam jus (?) às orientações e determinações oriundas de Lisboa: " quantos eram os sesmeiros, foreiros, arrendatários" etc., indizente com o Arraial de Nossa Senhora da Ajuda. Cadê as provas do "Auto de Levantamento do Pelourinho e o da Aclamação da Vila"?

Mesmo no início do século XIX, Ajuda não parecia existir. Pelo menos, com alguma notoriedade. E Maximiliano ao atravessar o Rio da Barra em direção a Porto Seguro, ora pelo litoral, ora pela mata, chega à foz do Rio Buranhém, ilustra e contempla Porto Seguro, mas não faz nenhuma referência ao Arraial. Somente observou (quando caminhava pela praia): "*gente procurando ouriços comestíveis nos bancos rochosos descobertos pela maré*" (11).

Um testemunho, com um naipe só - de que havia gente morando por perto, nos primeiros anos do século XIX.

A IGREJA

A construção da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, propriamente começou em 1550, pois os jesuitas só aqui chegaram no final de dezembro de 1549. A ermida (como assim se referem), era mesmo uma igrejinha, ao que parece, não ser a atual. É o próprio Visitador Fernão Cardim, que aqui esteve e à ela assim se referiu: "*Havia naquela pequena igreja um altar de saudação da Nossa Senhora com seu estábulo ou imagem. móvel, que se podia retirar com facilidade*". (12).

Eram as primeiras igrejas cobertas de palha, como observou EdelWeiss: "começaram a levantar as primeiras palhoças". (13).

Entende-se mais facilmente a escolha pra edificação de uma igreja num lugar-até então distante da sede, "Há uma legua da povoação dos portugueses", observando-se o conselho e a advertência do padre Nóbrega: "*Duas igrejas juntas, não é bom!*. Foi mais fácil a investida ecumênica do lado de lá, de Porto. Num mapa sobreposto no livro de Maximiliano, ele omite o nome da igreja, e assinala: "*Convento Nossa Senhora D'Ajuda*" (sic.). Mas se a Igreja um dia fora reduto de uma comunidade de jesuitas, não há registro sobre isso.

A reconstrução definitiva, "à moderna, de pedra e cal", foi executada em 1772, por determinação do Ouvidor de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, o introdutor do "*gado porcum, que cá não havia*". (14). Um dos bichos que mudaram a história das Américas "e devastou ecossistemas nativos e proporcionou comida fácil aos conquistadores" (15).

De lá pra cá, só as restaurações realizadas, segundo o IPAC (16):

"1930 - construção do atual altar-mor".

1966 - o interior da nave é decorado com painéis.

"1969 - Reparo do telhado e pintura externa, pelo SPHAN.

1980 - Roubados em 30/VI algumas alfaias da igreja".

Há uns vinte e poucos anos atrás há quem se lembre de que o Frei Angélico pintou por sobre o desenho original. Mesmo muito antes dessas restaurações, em 1939, o então Diretor do

Serviço do Patrimônio Histórico Nacional - Rodrigo Mello Franco - escrevia: "a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, teve todo o seu interior completamente remodelado, o que impossibilita qualquer tentativa de restauração". (17).

Permanece a Igreja como o marco mais antigo do lugar. Repicando o sino bem cedinho, a igreja às vezes muda de cor. Branco e azul ou amarelo, azul e branco.

LENDA DA ÁGUA MIRACULOSA

O padre José de Anchieta - que dizia que "espada e vara de ferro era a melhor pregação" (18) - registrou o "sonoro e brando sussurro" da água que milagrosamente jorrou de uma fonte, "fora do frontispício da igreja, ao pé de uma frondosa árvore, quando o padre Francisco Pires celebrava ali o santo sacrifício da missa".

Além de Anchieta, inúmeras versões foram apresentadas e divulgadas sobre o milagre em questão. Baltasar Teles (*Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal* - Lisboa, 1645 -), Gabriel Soares (*Tratado Descritivo*), Frei Vicente do Salvador (*Historia do Brasil*), etc. Mas, segundo Rodolfo Garcia (19), é o padre Simão de Vasconcelos - *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* (Rio de Janeiro, 2ª edição, 1864), que detalha "com mais pormenores", a questão:

"Um velho lenhador, habitante de um rancho colmoso à aurela da costa, subindo certo dia o ápice da montanha, na suposição de encontrar melhor madeira (...) topa surpreso, em um calhau: era a milagrosa santinha!

"Tornando-se um ermitão peregrinava em torno, fazendo curas ~~miraculosas~~ milagrosas, cujos proventos se destinavam ao levantamento de uma igreja, a que deu o nome de ~~Nossa~~ Nossa Senhora d'Ajuda".

Contaram uma outra versão: "Vendo um irmão um tronco de uma árvore muito junto à ermida, pediu à Nossa Senhora o milagre de lhe dar água naquele lugar. Nóbrega, que se achava

presente, lhe disse que "*mais podia a Senhora*". Vão-se logo dali todos a dizer missa e no meio do santo sacrifício, arrebentou de súbito um grande jorro de água no lugar assinalado no tronco da árvore junto ao Altar de Nossa Senhora. Cresce a opinião da virtude do Padre Nóbrega, a cuja intercessão atribuem o milagre da água que ainda hoje corre..."

Há uma outra, muito semelhante: "No alto de uma planície, morava um fazendeiro que não gostava de ver passar pelas suas terras, aqueles religiosos que iam e viam carregando água. Um dia, não suportando mais a invasão, determinou a proibição dessa passagem. Logo, os fiéis não pararam de rezar, a suplicar o milagre de uma fonte de água, para seu trabalho e sua sede, o que, num momento, aconteceu em plena hora da missa. E o fazendeiro, arrependido, resignou-se à religião cristã e comungou com os fiéis, unindo-se a eles".

Por sua vez, o Pe. Serafim Leite, na sua "*História da Companhia de Jesus*" (Rio, edição - 1945, pg. 408), afirma que foi Vicente Rodrigues o descobridor da fonte, e conta outra estória: "Estando dois padres em Porto Seguro, Arraial de Nossa Senhora da Ajuda, fundando 1 casa e não tendo água que fosse boa para beber, desejando ali perto uma fonte, quis Deus que neste caminho caiu um monte e com o abrir da terra, se abriu a mais famosa fonte que agora há naquela terra".

O escritor J. da Silva Campos, registra uma outra lenda, não sobre a *água miraculosa*, mas, sobre a construção da "Capela d'Ajuda", bem interessante: "Quando foi construída, a igreja apresentava posição inversa da atual. A imagem, porém, amanhecia de contínuo com as costas para o mar. Até que deram contrária posição do santuário, como agora se vê".(20).

E diz ainda aquele escritor, "que da igreja parte um subterrâneo misterioso, o qual encerra os fabulosos tesouros abandonados pelos jesuitas do Colégio desta Capital, na ocasião em que foram expulsos pelo conde de Oeiras".

A SALA DOS MILAGRES

Lugar à parte do templo da Igreja, na "Sala dos milagres" estão guardados os ex-votos, os quadros que retratam a identificação dos milagres ocorridos. Numa sala estão ali expostos as homenagens dos devotos registrando o milagre que lhes ocorreu.

Os padres italianos que aqui chegaram em 1961, foram os responsáveis pelo desaparecimento desses quadros que superlotavam o espaço a que a sala comportava e, por isso, destruíram muitos deles. São de vários estados do Brasil. Não só da Bahia (Canavieiras, Itamaraju, Belmonte, Prado, Itabuna, Mucuri etc.), como também dos outros estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo).

Se em 1939 a "Sala dos Milagres" contava com trezentos quadros, durante 53 anos passados, não chegou a duplicar, devido essa ação anti-milagrosa dos padres. Perderam, com tal atitude, até mesmo a seriedade com que eram aceitos pelos fiéis. Muitos deles avisavam a outros que fossem ver na dita "sala", o milagre de um filho, conhecido ou parente. E em lá chegando, procuravam o quadro e, não o encontrando, perguntavam ao padre pelo seu paradeiro, e se decepçionavam com as evasivas desses beneditinos.

Além dos maléfícios dos desastres, quedas, afogamentos, há um grande índice de devotos agradecendo o milagre alcançado pela cura da pneumonia. Um dos mais antigos ali exposto, data do ano de 1893, agradecendo o milagre da cura desse mal e um outro de 1923, que faz referência a uma criança que "brincando com um vintém, o engoliu".

AS IRMANDADES

Eram associações religiosas sob o contróle da *Paróquia*, que tiveram importância na participação e formação cultural/social do lugar. Tendo que aceitar por todos os meios a religião-cristã branca, o sincretismo foi a solução, o jeito de associatividade entre as religiões e crenças de negros e brancos, de cultos diversos. Além do mais, fora o aspecto inteiramente religioso, o outro lado era "praticamente a única alternativa não clandestina de associação de escravos(...) juntavam dinheiro para comprar alforria de poucos cativos". (21).

Aqui, duas Irmandades tiveram participação ativa: A Irmandade de Nossa Senhora d'Ajuda e a Irmandade de São Benedito. Ambas como que, coexistiram, mas, parecendo ser a d'Ajuda, a que primeiramente surgiu, pois todos os seus integrantes eram de Porto Seguro: Manoel Cancela, Xímom, Querubino, Manêco de Cândida, Carneirinho Ribeiro, Zé Fernandes, Henrique Osório, Manoel Leão Borges (o Mindü) e Dr. Ribeiro.

A arrecadação da soma em dinheiro era tão considerável, que se chegava a afirmar que "havia mais briga pra assumir a Tesouraria da Irmandade de Nossa Senhora d'Ajuda do que propriamente à Prefeitura de Porto Seguro. (22).

A construção do "Banheiro da Santa", ao sopé da planície, onde abriga a fonte da "água miraculosa", foi obra edificada "pela Meza Administrativa da Irmandade de Nossa Senhora d'Ajuda, no exercício de 15 de agosto de 1929".

IRMANDADE DE SÃO BENEDITO

*"Tu que pela claridade
foste no mundo o luzeiro
compadece-te Senhor
deste povo brasileiro".*

(Excerto, do hino em louvor a São Benedito).

O culto a São Benedito, propagou-se a partir do final do século 16. Natural da Sicília, o preto humilde, analfabeto e santo, tornou-se, de repente, popular entre os negros e mulatos do Brasil.

A Irmandade de São Benedito (d'Ajuda), porque existia a outra Irmandade de São Benedito do Colégio de Porto Seguro), diferenciava da Irm. de N. S. d'Ajuda, em dois aspectos. Dela participavam homens e mulheres. Não havia discriminação, e seus integrantes eram todos moradores do Arraial. Surgiu aqui há mais de um século e dizem, alguns remanescentes, que o "espírito" de sua formação veio procedente de Caraíva. Seus fundadores, eram todos daqui: João Henrique (comerciante), Fabriciano (pescador), João Prefeito (pescador), Graciliano (pescador/roceiro), Argemiro e Dorico, que foi o último procurador oficial da Irmandade.

Representava, de um modo geral, o espírito associativo da comunidade, da povoação que se agregava e se formava sob às ordens da Igreja, que sempre foi aquilo que disse Gilberto Freire: "*desinfetório ao serviço da saúde moral da colônia*". (23).

Embora uma associação de formação religiosa, envolvida pelas ordenações da Igreja, deu a oportunidade aos ajudentes, no sentido de uma visão cooperativista entre eles. Voltaram-se para os problemas que encareciam à necessidade do lugar, como a construção do "Cemitério de São Benedito", a preservação das "casas de Nossa Senhora" e até mesmo da ajuda mútua, a real de toda a ajuda.

Quando morria um irmão, os demais membros da Irmandade saíam todos vestidos de *OPA* (camisa-manta de cor averme-

hada, uma herança legada pelos "irmãos de confrarias religiosas" das províncias de Portugal), conduzindo-o da Igreja até o cemitério, num ritual em que o caixão era levado de mão-à-mão, até o local do enterro. Dois irmãos iam à frente, com tochas acesas e a cruz. Quando faleceu dona Mariá - saudosa criatura que com suas mãos iluminadas tantas crianças salvou e benzeu com sua reza, representantes-remanescentes da Irmandade, prestaram-lhe significativa homenagem, vestidos com a ÓPA.

A Igreja, que sempre usufruiu desse sincretismo, foi até onde lhe pôde convir, pois tinha o controle de todo o apurado e dos óbulos doados pelos fiéis, pagadores de promessas. O que o arcebispo de Salvador fez com a tradicional Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira, proibindo uma procissão que se repete há duzentos anos, aqui na Ajuda a "Irmandade de São Benedito" sofreu a mesma proibição há mais ou menos cinquenta anos. Sargento Bacelar-já falecido foi quem decidiu resolver o primeiro impacto entre a Igreja e os devotos da Irmandade, quando declarou: "Solta o santo! Faz outro! e tira esmola!".

Mas, de fato e de direito, a Irmandade acabou quando Zé Fernandes entregou a chave ao padre Emiliano, um mineiro de Itinga. Quem o substituiu foi o Frei Bernardo, que, segundo dizem, tinha por hábito fumar ponta-de-cigarro apanhado à mão pelos caminhos e de que ele jogava o "pinico" defronte à casa do Zé Alves.

A Esmola de São Benedito ou o Tira-Esmola, ou ainda a Folia-de-São Benedito, é como chamam quando a Irmandade sai à rua, logo após a celebração da missa. Saindo da Igreja, a festa se ajeita mais ao populesco, quando ganham à rua tocando, acompanhados de curiosos e adeptos, num furor intenso, onde rola muita cachaça e se assume como que uma excitação coletiva, no aspecto e nas vozes dos brincantes. E vão de casa em casa, fazendo a "visitação" do santo, que é carregado por alguém devoto ou membro da Irmandade:

"Onde está o dono da casa
Por ele perguntou eu
Ou ele não está em casa
Ou me viu e se escondeu..."

Assim como há o dia da procissão, o dia da Esmola de São Benedito é consagrado à folia e à arrecadação de dinheiro, du-

rante os dias da festa. Notório a figura do Tesoureiro da Irmandade, que saía sempre vestido de ÓPA.

A Folia de São Benedito ao que parece é a manifestação mais autêntica, o furor exaltado da cantoria de maior expressividade de todas as tradições que vagamente aqui ocorrem. Por ocasião da "visitação" que fazem de casa em casa, uma verdadeira procissão sacro-pânica, onde chegam com festa, fé e sede de cachaça pra "acalmar" a euforia. Só que os versos e os refrões são escassos e muito repetitivos. Além disso, misturam cantorias de outros folguedos, até mesmo, do boi-duro:

"êh! êh!
v'ambora, v'ambora! (bis)
Carregadeira v'ambora"

"Cadê o dono da casa!?
-Ah, meu boi morená!
-ele não está em casa
-Ah, meu boi morená!
-ele correu e se escondeu!
ah meu boi morená!..."

"aiê! aiá!
-tá te chamando, cumpade (bis)
pra vadiá!"

"papai, mamãe
nunca peguei no alheio
quando a polícia chegar (bis)
tira o meu nome do meio!..."

É como dizem os mais velhos: "Hoje não tem mais Irmandade, só os festeiros!" Pena que essa associação mais importante do povoado tenha sido desfavorecida, essa cooperação mútua, esse cooperativismo cabôco, de crença, de irmandade, mesmo!.

TOPOGRAFIA PRAIEIRA

“O mar tá rindo...”
(Delegado)

APAGA FOGO - Antes de ser conhecido como praia, era o “canal-do-apaga fogo”, a “ponta do apaga fogo” ou o “pontal do apaga fogo”. A origem do nome, tem a versão dos pescadores, da época da pesca de remo, dos “barcos sem motor”, devido ao forte vento que corre naquela direção, principalmente quando passava a embarcação por aquela “garganta”, ou a “Corôa do Zé Bomfim”. Todo o fogo aceso, ali, apagava. Inexplicavelmente, devido a construção de um hotel 5 estrelas, a *Praia do Apaga Fogo* foi totalmente murada em toda a sua extensão, impossibilitando, na maré-cheia, alguém ter qualquer acesso.

ARAÇAIPE - Nome de origem tupi, assim chamado devido a abundância dos araçás, fruto semelhante à goiaba, de um gosto mais ácido. Três espécies aqui são conhecidos: *araçá-cagão*, *araçá-mirim* e o *araçá-do-mato*.

COPINHO - Conhecido também como o “Porto das Canoas”. ali os pescadores amarravam suas embarcações. O nome caiu em desuso, pois eles trocaram de ramo, os barcos, pelos táxis. Também, devido à uma amendoeira que ali cresceu enormemente, foi chamado de “Praia da Amendoeira”, que não demorou a sumir da boca do povo, quando a mesma foi tombada pelo o fluxo da maré. Há dezesseis anos, chamavam o lugar de *Maria Doida*, pois uma mulher que ali morava, fazia boné de búzios e dizia que “era do capitão”. O pessoal corria dela. Aplicaram-lhe uns “banhos de folhas” e ela sarou. Por gratidão, *Maria Doida* foi à fonte miraculosa, encheu uma lata de água e deixou um tanto na casa de quem lhe deu o remédio das ervas. *Copinho* tinha um nome mais antigo (por ter sido por algum tempo), “Praia da Ajuda”.

JAQUARA - Era na “Praia da Jaquara” que os moradores d’Ajuda, por muito tempo, buscavam e se serviam da água pura da fonte. Comprada, foi cercada e proibida ao público.

MUCUGÊ - Árvore que dá um fruto parecido com a mangaba, tem um leite e o gosto é adocicado. Mês junho, é tempo da saborosa frutinha, que amadurece em casa. por estas bandas devido ao desmatamento não se vê fácil. No dicionário tupi (Bueno) está escrito com “J” ao invés de “G”.

TORORÃO - Encontraram um Santo Antonio de Tororão, de sete a oito centímetros no lugar. O nome vem daí. D. Rosa de Fabriciano ainda zela pelo santo.

PAÓ - Ganhou a praia o nome do pássaro *paó*, muito frequente nas praias defronte. segundo sabedores das coisas do lugar, o pássaro é maior do que o anum, de cor preto vermelho no encontro das asas. No lendário popular, *paó* é o “professor” do tucano, o que, por coincidência ou não, sempre eram vistos voando juntos. Hoje não se vê, nem *paó* nem tucano, nem professor nem discípulo. Defronte à esta praia, dava muito *cuiuna*, fruta comestível, assim como o chamado “pau-povo” uma árvore que deixa escorrer uma resina branca, do gosto doce que nem açúcar e com a fama de ser boa pra gripe.

CABEÇA-DE-NÊGO - Há uns arrecifes defronte à esta praia onde existem umas pedras, como que, amontoadas. Formam excrescências, por ocasião da maré vasante, quando vão ficando expostas à medida que a maré baixa, as águas caem pingos sobre elas, dando a impressão de uma cabeça de nêgo, com cabelos encarapinhados, caindo aos pingos, quando molhados.

PITINGA - Palavra tupi, com o significado de “salmilhado de branco”. derma enbranquecida, como pano-branco, como a gente observa nas falésias que se lhe maravilham a paisagem. Do lado oposto ao mar, um pequeno rio: “Rio de Pitinga”.

LAGOA AZUL - Tomou a praia a preferência dos banhistas, pela beleza de suas águas de cor azulada e suas “lamas medicinais”. Um dos maiores atrativos dessa orla..

ITAIPE (ou TAIPE), PEDRAS BATEDEIRAS e RIO DA BARRA, encerram a topografia da Ajuda, que aí se divide com o distrito de Trancoso.

A flora e a fauna do Extremo Sul da Bahia, envoltas com o incessante desbravamento durante tantos e tantos anos, sofreu e vem sofrendo consequências desastrosas. Das variadas espécies de pássaros que existiam e encantavam a beleza do lugar, já se pode, hoje, anotar menos de vinte. Aqui morou uma arte-sã que incentivava as crianças do lugar, pagando a eles, certa quantia em dinheiro, por ave capturada viva ou morta. Quem ia até a sua casa, nas cordas dos arames, dependurados, lá estavam - secando ao sol -, os sabiá, os tiê-pinanga (sangue de boi), os sanhaços e outros, que chegavam à suas mãos levados pela garotada, com seus tiros certos de *bodoque* e *atiradeira*. Essas penas com que adornava seus trabalhos, tinham um endereço certo, pela raridade que elas representavam.

Mas não só o artesanato foi a causa do desaparecimento gradativo dos passarinhos. As consequências cabiam, em parte, também, às construções das casas e pousadas, cujos os proprietários, sem noção do Ecossistema, muito corroboraram com esse extermínio, devido as construções transparentes, dos enormes vidros nas varandas e janelas, que "iludiram" os passarinhos, que se abarroavam de encontro ao vidro e tinham morte instantânea.

Dos pássaros que relacionei, todos daqui conhecidos, estão raramente:

Anum - o preto e o branco mariscado. *Aracua* - dizem que há cinco espécies no Brasil; Quando é novinho, cria-se tão facilmente solto, como se fosse de casa; Come na mão, anda por todos os comodões, sem que o dono necessariamente o torne cativo. *Bastião* - Os portugueses o chamavam de "Sebastião"; em Minas é conhecido como sabiá-do-mato-virgem. *Beija-flor* - três variedades por aqui: o marrompequenininho, o azul e esverdeado, e o negro. *Brejal*. *Bem-te-vi* - Contou-me Canela, um Pataxó remanescente dos índios de Barra Velha, que seus avós falavam que toda essa briga existente entre índios e brancos, foi por causa desse pássaro. da encrenca do filho do branco com o filho do caboclo, aquele jogou sujo levando o pássaro que pertencia a este. *Caboré*, *Chorão*, *Chororão*, *Curica*, *Curidó*, *Fino*, *Guriatã*, *Jacupena*, *Japu*, *Juriti*, *Rolinha*, *Paó*, *Pêga*, *Papacapi*, *Sabiá* (da mata, da praia, pimenta, cantadeira), *Sanhaço* e outros poucos.

A CULINÁRIA DO OURIÇO

"Na maré que Deus *secá*
e as pedras *ficá* de fora,
é bom pra *pegá* ouriço!..."

(Lucília da Conceição)

Por toda essa imensa costa do litoral brasileiro, pouco soube do hábito tradicional de se comer ouriços-do-mar, como aqui no Extremo Sul baiano, particularmente, na Ajuda Wied já registrava há 177 anos passados, quando por aqui viu que "havia gente procurando ouriços".

Esse precioso alimento que os nossos índios chamavam de *pindaúna* ou *pinaúna*, (termo esse conhecido de muitos caboclos remanescentes) de *pindá* (espinho, garra) e de *una* (escuro, preto) até hoje tradicionalmente se repete na culinária dos moradores mais antigos. Só não nos tempos de inverno, por ocasião do "vento leste", que não os buscam, que é um período de ouriço magro e sem ovas. No mais, é impressionante e bonito de se ver, por sobre as pedras descobertas pelo mar, a mãe, a avó, a tia, os filhos, os netinhos, todos, agachados, ajudando na pesca do ouriço. Quebrando os ovados ouriços com um facão, lavando ali mesmo, temperando com o sal do mar e que até ali mesmo comem, acompanhado da farinha de mandioca. Outros levam em litros na lata, para vender.

Essa alimentação é tão significativa pra o ajudense, que não perdeu até hoje o hábito. Lembro uma ocasião de aqui se organizar um time de futebol (nos anos de 84/85), isto é, a escolha de um nome que retratasse fielmente as coisas do lugar, do seu passado etc. de pronto os atletas do Arraial escolheram: "Água Azul Ouriço Clube". Chamar o ajudense de "comedor-de-ouriço", não é um apelido espinhoso, é uma alegre verdade e das graças de Deus...

RECEITAS:

Bôlo-de-Ouriço - (para cinco pessoas) 1 litro de ouriço. "Coloca-se água na panela, até ferver. Com ela lava-se as ovas do ouriço, até enxugar. Faz-se um mólho, como o da muqueca. Depois de bem cosido, coloca-se a farinha de mandioca, até endurecer um pouco. Arruma-se folha de bananeira, donde se lhe envolve, aos bocados. Pronto, põe-se no forno pra assar, e é so servir!" - Receita de Tia Neusa, que diz ainda o acompanhamento: "o bôlo de ouriço ele é servido com arroz!".

Muqueca-de-Ouriço - (segundo receita de Lucília da Conceição). "Um litro de ouriço, dois tomates, uma cebola, uma cabeça de alho, os tempêros, todos juntos. Frita-se a seguir, com óleo. A muqueca do ouriço é sempre seca, não leva côco e é servido com ovos de galinha de capoeira".

Há outras receitas que eles aqui preparavam com as ovas do ouriço-gordo. Uma outra, era, o *cuscús-de-ouriço*. Assim como o famoso ouriço com farinha, ou pirão.

A TEMPERADA

É tradição secular que até hoje se repete, significando a homenagem que a família à comunidade quando alguém de sua prole "ganha nene", oferecendo a todos os visitantes que vão ver o recém-nascido, a temperada, a "temperada da Mulher Parida". A receita é simples mistura de cachaça com algumas ervas e temperos caseiros. Arruda, Cebola, Cebolinha, Alho, Poeijo, Alevante, Cominho, Losna, etc. Um litro, dois ou mais, de acordo com as condições financeira de cada um. Basta alguém bater à porta em visita ao novo rebento, logo lhe é oferecido esta saborosa bebida. É como chamam no Nordeste, o tradicional "cachimbo".

A MANGABA

É fruta indígina. Arruda Camara a classificou de *Riberia Sorbilhes*, pra homenagear o padre João Ribeiro, "da revolução Pernambucana de 1817". Segundo Teodoro Sampaio, o nome provem do Tupi: *Mãguaba*, coisa de comer.

Planta de tabuleiro, de saborosos frutos, cuja a safra ocorre duas vezes ao ano, teve aqui sua importância em tempos de mais de quarenta anos atrás quando fazia parte do roteiro econômico do povoado. Todo pessoal ia colher mangaba que dava aqui em fartura, principalmente nas proximidades do Taipe e era vendido em Porto Seguro por preço razoável para feitura de doces, geléias, etc. Começa rair por estas plagas.

ALMÉCEGA

Com certeza é a essência maior de todas as essências naturais. Além do cheiro forte e agradável, essa resina transmite a função mágica e mística, da crença de espantar os "maus espíritos", servindo para limpar o ambiente, onde haja a ocorrência das "forças negativas". Os nossos índios a chamavam de *icica yg membéca*. De funções várias, "como pez ou resina para navios", e de utilidade medicinal, como bálsamo e remédio para machucados e feridas.

Vai longe o tempo em que os Ajudenses tinham por habito, fazer das cascas dessa árvore, palitinhos para a limpeza dos dentes e desinfetante bucal. E dela também se serviam para acender a lenha umedecida pois, ao contato com o fogo, incendiava-se, imediatamente.

A GAROUPA SALGADEIRA

O comércio da pesca (tão importante na formação e relacionamento sócio-econômico do povoado, responsável também pela sua agregação e permanência no litoral) da famosa "garoupa salgadeira", ocorreu, antes mesmo da década de 30.

O historiador Rodolfo Garcia, no rodapé do livro de Varhagen, escreveu: "*Os habitantes de porto Seguro frequentavam a pescaria das garoupas, que colhiam abundantemente nas ilhas de Santa Bárbara, chamadas Abrolhos, defronte da Barra do rio das Cavélas, de cujo exercício faziam bom ramo do comércio*". (24).

Muitos daqui do Arraial trabalhavam nas garoupeiras, que pertenciam a um português bastante conhecido na região chamado Bernardo Ramos, o dono dos barcos, "filho de Manoel José Ramos - o Manduqueiro que foi o construtor da "Casa da Lenha" (hoje, "Solar dos Ramos") e que lhe deixou como herança, em 1910.

A pesca da garoupa (também a do melro) como que arregimentou e deu o toque profissional ao trabalhador do pescado. Escolhido entre eles, um responsável direto pelo barco "até lá fora", isto é, adentro ao mar, o qual em lá chegando, passava em diante o comando a um outro mestre, o "mestre-passé".

Os moradores da Ajuda que se dedicavam à pesca, com o correr do tempo mudaram de ramo. Principalmente, com a chegada do Turismo. Permutaram ou venderam seus barcos, adquirindo automóveis.

A ROMARIA

*"Eu sou pastora, sou romeira!...
Viva Jesus Cristo lá no céu!..."*

A Romaria que ao longo do tempo abriu escala à vida econômica da Igreja e dos moradores do povoado passou para o segundo plano, com o advento da indústria-dos-canos-de-escapes - o Turismo, que, desde os anos 70, de repente tomou conta. De pousada em pousada o Arraial se preparou pra faturar seu mais novo e rendável negócio: os alugueis das temporadas do verão. Abriram os dentes pra os turistas e irmão fechou a boca pra irmão. A concorrência arrancou-lhes alguns brilhos. Viram-se eles mesmos se defrontando. Se entenderam menos. Pouquíssimos não se entregaram ou resistiram, seguiram cegos, os rastros lucrativos. Menosprezaram a Romaria e dispararam a atenção para com o Turismo.

Os romeiros passaram a ser um vexame, uma multidão de fiéis, chegando, sujando tudo, pinxinxando tudo, assombrando com o quadro real da miséria, diferente do turista que paga caro, chegado ao luxo e às assepsias.

Mesmo assim, não deixou de ser uma fonte de renda considerável à população, que, afora o Turismo no verão, tem a safra da festa da Padroeira no mês de agosto. A Igreja, que administra o controle geral da grande festa, recebe dinheiro e oferendas dos devotos e ainda lhes cobra a dormida, nas suas casas construídas com dinheiro das Irmandades de antigamente.

Aos poucos a indústria de canos-de-escapes superou a dos 30, 40 mil romeiros que há dez anos chegavam aqui pras festividades de tradição secular - a Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda e sua "Fonte Miraculosa". Recebiam até mesmo, a visitação de outras romarias, como a de Prado, que aqui esteve pela última vez, em 1986. Cerca de 60 pessoas (entre homens, mulheres e crianças) alguns atrelados nos jegues, útil serventia desse animal, levando mantimentos e até crianças-de-colo, tão simplesmente agasalhados e bem. Na maioria, negros e mula-

tos, uma comunidade em grupos, romeiros/roceiros, com seus animais amigos e a fé em Deus. Nesse agosto de 86, registrei o diálogo entre pai e filho:

“-Josué! Ó Josué! olha a burra!

-Descansa ela! Descança, ela!

-Chega lá na praia, descansá-la!

E, diante do meu olhar e presença, uma advertência jocosa, de pai para filho:

“-Cuidado, menino! o jegue te pica!”

Moradores dos mais antigos contam que a festa da Romaria chegava a encher de um a dois sacos de moedas. Parte desse apurado era aplicado nas construções das chamadas “Casas de Nossa Senhora”, que abrigavam os cansados romeiros, sem cobra-lhes nenhum centavo.

O CAMPO DE AVIAÇÃO E A REVOADA DE 39

O campo de aviação que construíram no Arraial d'Ajuda, data de 1939 mas já fôra, muito antes, ali cogitado como base estratégica ao serviço dos promotores da 2ª Guerra Mundial, a exemplo do que foi construído em Caravelas, para a mesma finalidade, devido a aproximação que tem o espaço aéreo, ligando os contatos com as Oropa.

Esse campo de aviação, que também era conhecido como o “Campo de Emergência”, deu ao mesmo tempo origem a planificação e execução da estrada de “uma légua”, trajeto urbanista, definido e inalterável, sem dúvida, pra facilitar o transporte dos passageiros, dos aviões que aqui iriam aterrisar. E a sua inauguração coincidiu festivamente, com a famosa e “inesquecível” “Revoada de Maio de 1939”.

O pequeno Arraial, tornou-se importante e visto com certo desdém aos olhos dos portos segurenses. O lugarejo pela primeira vez foi notícia na imprensa nacional: “os últimos apromptos. E era preciso que ele fosse construído depressa”. - como escrevia Assis Chateaubriant, em 27 de Abril de 39 (25). E foi construído em menos de sessenta dias, sob a responsabilidade do engenheiro-de-campo, Galdino Mendes.

Por essa época, o prefeito de Porto Seguro Cláudio Martins (que se gabava de tomar vinho numa taça que pertenceu a D. João VI), mandou enfeitar Porto Seguro e o Arraial. Em Porto mandou instalar quarenta vasos sanitários que até então era novidade numa cidadizinha de dois mil habitantes. Pra Ajuda, mandou trazer cem índios de Caraíva, e adornar a Igreja de Nossa Senhora, ajudado financeiramente pelos portugueses comerciantes bem sucedidos na Bahia.

A “revoada de 39” foi uma festa para Porto e uma fonte de renda para Ajuda, que ganhou com a construção do aeroporto. Os aviões desciam e a corrida dos *cabôcos* começou a acelerar, em busca dos fretes, dos carregos, disputando os *réis*. Com o tempo, disciplinaram o trabalho, nomeando um administrador e os chamados “cabos-de-turma”. Romildo e Pedro Ramos disputaram a primeira vaga de gerente do aeroporto.

Uma novidade e um impulso para os moradores. Teve grande repercussão, devido a presença do almirante português Gago Coutinho e Sacadura Cabral, cuja a fama de atravessarem o atlântico pela primeira vez, no pequeno avião “Lusitânia”, já era conhecido desde 1922, “a primeira viagem aérea entre a Europa e a América” (26).

Embora assustados, mesmo assim foi uma grande festa: “as moças da localidade desfilarão com os pavilhões, pelas duas únicas ruas do Arraial, ao som do Hino Nacional, cantado pelos caboclos e e colonos. E no Templo da Ajuda, recitaram Olavo Bilac”. (27).

Continuaram a aterrisar aqui, muitos aviões. Alguns pra abastecer, como relembram os mais velhos, dos barris de gasolina, de cem a duzentos, que ficavam guardados onde hoje é a praça dos táxis. Também existiu uma agência dos correios, desde 1947 até os anos 50, quando aqui chegavam as “malas de Porto”.

RIO BURANHÉM

O Rio Buranhém nasce em Minas Gerais, no lugar denominado Santo Antônio do Jacinto, ou como afirmam outros, na "Serra do Chifre". Esse rio não tem nome "tem apelido" - como dizia Antônio Campeche, que o chamava de "Rio do Peixe". Quando atravessa os limites de Minas, Bahia, é chamado de Rio de Porto Seguro e Patatiba.

Vindo em seu curso, abaixo de *Vale Verde*, como que divide-se, já à altura da boca-da-barra, formando dois braços, perto de sua embocadura, pra em seguida desaguar no mar, separando o Arraial d'Ajuda de Porto Seguro. Do lado esquerdo desse rio, os pescadores fazem uma outra referência onomástica, chamando-o de "Rio de Nossa Senhora da Ajuda"; e, pelo o lado direito, "Rio de Curitiba".

Há uma controvérsia quanto a origem do seu significado na língua Tupi: de *nhae* (vasilha de madeira) (28). E de *nhaem* "doce, isto é, madeira adocicada". Aliás, Tibiriçá no seu "Dicionário de Topônimos" (29), assinala: "rio da Bahia que nasce em Minas" de *ybyrá-nhae*, vasilha de madeira, gamela".

Sem dúvida, apesar dos vários nomes, o de Buranhém predominou, consagrado desde há muitos anos, em Vale Verde, quando o português Arthur Camilo o homenageou dando-lhe o nome à uma fazenda de sua propriedade, que outrora existia naquele Distrito.

PASSAGEM D'AJUDA

"A vida é uma Passagem, Ajuda, um Porto Seguro..." (P.P.)

Quem vem de Porto, atravessa na balsa e salta n'Ajuda, já está na "Passagem". É de pouco tempo a sua "existência". Começa em 1960. Mas antes desse tempo, o desembarque era mais adiante, no chamado "Abrigo Velho", quando o transporte era

de canoa de pano e à vela. Pela terra, o transporte era de jêgue. Mas os ajudenses se serviam de um outro caminho, pelo lado do mangue, pois era um atalho mais próximo para se chegar ao Arraial: "a gente ia sair lá perto onde é hoje a pousada "Cajueiros" como afirma Zé de Efigênia.

Passagem há uns trinta anos era um matagal só, quando seus primeiros moradores foram chegando: Epifânio, Antônio Campeche, Cabôco João, Baiano e outros poucos.

O CEMITÉRIO

A construção do "Cemitério de São Benedito" foi uma obra efetuada com o dinheiro arrecadado da Irmandade que lhe deu o nome. Sem dúvida, construído há mais de um século e meio, conforme se ouviu dizer pela boca, dos moradores mais antigos. Há uns setenta anos, não era murado, e, sim, cercado de palhas de coqueiro. Fixado, como que, no "coração" do Arraial, com seu pequeno tamanho, geralmente fica despercebido aos olhos dos turistas que por ali passam em direção ao caminho da praia.

Saturado, pelo pequeno espaço físico que representa e pelo o tempo decorrido vem (e está) se tornando um grave problema, já discutido, também, durante algum tempo, sem que houvesse uma solução definida para o caso.

Há uns seis ou sete anos atrás, principiou um movimento em torno da necessidade premente e urgente, de se conseguir uma área maior e mais distante da periferia da Cidade. Francisco Alexandrino de Moraes, o Chico Tripa, filho dos mais antigos do lugar, foi um dos que tentaram solucionar este problema, doando uma área de terra de sua propriedade, para que fôsse construído um cemitério novo, mas não foi compreendido nem levado a sério pelos os ditos benfeitores da comunidade. Conforme suas palavras, estavam "enterrando os mortos acima de sete palmos!"

Quando enterraram o Zé Braz, um dos coveiros atingiu um caixão de "anjinho", que foi logo reconhecido por alguém presente, que exclamou: "Conheço aquele caixão! Inda bem que não quebrou. Foi Pedro "Borge" que fêz, conheço o trabalho dele!"

AS TRADIÇÕES POPULARES

As manifestações ditas folclóricas, festas do povo, em sua maioria são tradições que os portugueses aqui introduziram, de cunho religioso, para comemorar e anunciar a chegada do Messias. Louvação aos três Reis Magos ("reis magros" na expressão quântica do cabôclo) e que aqui se comemora durante o ciclo natalino até os primeiros dias de janeiro, uma herança de manifestação popular do "Velho Mundo" para o "Mundo Novo" e que até hoje aqui se reflete, embora sofrivelmente.

A inspiração, tom maior da expressão folclórica, permanece viva, latente, batendo nos corações dos moradores que não deixam passar em brancas nuvens e se reúnem e saem às ruas, com sacrifícios, não deixando esse acontecimento desaparecer. Como aconteceu a três de fevereiro deste ano, em que comemoraram a festa de São Braz. Embora padroeiro de Trancoso, o dia do santo foi comemorado com entusiasmo pelos moradores d'Ajuda, que efusivamente tocavam e cantavam numa alegria coletiva, apresentando o belo espetáculo que se viu.

CRENÇAS E SUPERTIÇÕES

O temor e o medo das doenças, das bactérias ibéricas que os estrangeiros nos legaram mediante esse secular "contato dissolvente", a varíola, que atingiu a Bahia desde 1563, tirando a vida de três/quartos dos índios" (), assim como a malária, a peste bubônica, do sarampo, etc. refletiu aqui numa corrente, que até pouco tempo era distribuída de um pra outro, de mão em mão. "Corre" uma medida de papel, de mais ou menos meio metro, onde se lê:

"Esta é a medida de uma menina que nasceu na noite de sábado, viveu três horas, antes de morrer ela falou: 'Tire minha medida e guarde, que vai ter uma febre no mundo inteiro e os médicos não vão curar quem tiver a minha medida e se não quer febre faça três cópias e passe antes de três dias.'" Esta corrente a recebi no Arraial no ano de 1987.

Corre a lenda, de que Deus um dia perguntou ao Mar, a Mata e ao Mangue, se qual dos três podia acabar com a Fome do Mundo!?

- E o Mar respondeu: que um dia dava peixe, noutro, não -

- E a Mata, também: que um dia também dava caça, noutro dia não!

- E o Mangue por sua vez respondeu: que todo o dia dava alimento pra quem com fome chegasse pra "caçar comida".

A DANÇA DO MANGUE

(pra o Zé Binga e Marta)

a dança do mangue
é a dança da vida
onde não baila
o pescador

quem a percebe
e não se convida
viola/som
sara/cura

- lá vai a mão do irmão!
- aratu!
- aratu!
- no buraco caranguejo!?

- sim, siri!
- sim, siri!
- pirripichú!
- pirripichú!

a maré sobe o palco
o pescador se retira
sem fama
vestido de lama!..

BOI - DURO

A apresentação do folguedo, do *bumba-meu-boi*, *boi-bumba*, *boi-duro*, é tradição de há muito no Sul da Bahia: Prado, Alcobaça, Santo Amaro, Porto Seguro, Cabralia, e naturalmente cultivado entre os moradores mais antigos de Arraial. Já foi uma "brincadeira de respeito", como dizem os mais velhos, referindo-se ao tempo de trinta, quarenta anos atrás.

A turma ensaiava, havia toda uma coreografia para a festa, que durava três dias seguidos, por ocasião do dia de reis, na 1ª semana de janeiro. Era um boi bem feito, com armação de varas, cobertura de chitão, caveira e chifre de boi verdadeiro. Mas a brincadeira do *boi-duro* amoleceu com o tempo. Os que sabiam do enredo, das cantorias, dos versos, da "distribuição do boi" etc., não mais vivem ou estão por aqui. Os que tentam dar continuidade à festa, fabricam um boi improvisado, fantasiam o João Guará e vão batucando e cantando um ou dois refrões, que ainda guardam na memória.

Embora "armengada", a brincadeira persiste. Em 1984, copiei um anúncio no bar do "São" Joãozinho Fogueteiro: "Atenção: hoje às 19:30 hs. o 'Boi Bernardão' sairá com a sua bicharada na Praça": (sic.).

Essa bicharada a que se refere o anúncio são os resquícios dos personagens de que compunham o elenco: João Guará, Veado, Tucano, Caçador, etc.

Observei que nos últimos preparos para a apresentação do boi, há uma escolha improvisada, como que, a do nome que o boi vai levar e que é aprovado pela maioria dos brincantes, de acordo, com um fato social em evidência e, sempre, satírico. No ano de 87, foi o "Boi-Funaro", alusivo ao Ministro da Economia do Governo Sarney.

Boi-Bernardão, uma louvação ao Bernardo, filho do Zé Bidão (já falecido), uma pessoa estimada, no lugar. Em 1985 foi a vez do "Veado 1 a Zero", alusão a um homossexual. Em 1986, foi o "Boi-Baseado", uma alusão à diamba ao fuminho, ao baseado...)

Do enredo, das cantorias e toadas, pouco escapou na memória dos antigos moradores, participantes da brincadeira.
Da chamada:

"O de lá! ô de cá!
Levanta "Janeiro"
Vâmo vadiá!"

"-Já mandou chamar!
- Já mandou chamar!
Meu boi, meu boi
Meu boi vai chegar!"

No ritual do "Boi-Duro", o boi recebe o nome batismal a cada ano diferenciado, como explicamos. Do "Boi-Bahia" e do "Boi-Maravilha", são dos que lembram os antigos brincantes. Mas parece permanecer a alusão ao "Boi-Morená" que eles exaltam sempre em todo o percurso das andanças e cantorias:

"-Ó meu *boi-morená*!
- Ó meu *boi-morená*!"

E, quando de uma passagem-de-rua, isto é, quando o boi terminava de se apresentar na casa de um e saía pra casa de outro, já se sabia, pelo o refrão:

"Xô!
-Pavão! Pavão
-Pavão da ventania
-Quem tem amor não dorme!
-Quando eu tinha, não dormia!"

Cantavam também refrões ao ufanismo, a zombederia e ao cansaço:

"-Lá vem a lua saindo
Por detrás da bananeira:
-Não é lua não é nada
É a bandeira brasileira!"

“-Lá vem a lua saindo
Por detrás da carambola:
-Não é lua não é nada
É uma *véia* sem calçola!

“-Companheiro, me ajuda
- Ó meu boi-morená!
-Que eu não posso mais cantar
Já me dói o céu da bôca
E o dentinho do *queijá*!”

“-Abre a porta, Maninha e Bento!
-Que eu quero comer
a garoupa do vento!”

Seguindo o roteiro do elenco, comum em todos os bumbás do Brasil, que é a repartição das partes do boi (ossos, carnes e vísceras) corresponde à uma sátira jocosa aos presentes. O velho Graciliano, um dos filhos do nêgo Gervásio, pai de Zé de Efigênia, um autêntico ajudense, era quem ensaiava e dirigia essa “distribuição” do boi:

“-A tripa mais fina!?
-É da Josefina!

- A tripa mais grossa!?
-É *pru* povo da roça!

-A parte da pá!
-É pra Mané Durvá!

SÃO SEBASTIÃO

Mestre Cascudo diz que a festa em homenagem a São Sebastião, começou desde o dia 20 de janeiro de 1567. É o santo defensor das moléstias contagiantes e que os devotos, não padecem de fome, de peste nem de guerras. (32).

Mas existe uma narração anterior, que data dos anos de 1527, e que, por coincidência ocorrera no dia 20 de janeiro, quando a “população de Porto Seguro, constituída de 245 pessoas, acompanhava a pra-issão de São Sebastião. De súbito, surgiu atrás dos arrecifes uma esquadra francesa. Os canhões abriram fogo e os navios fugiram. Na fuga, dois naufragaram numa barra. É o hoje “Boqueirão dos Franceses”. (33).

Contudo não se pode assegurar quando aqui o festejo começou, mas até hoje é mantida a tradição, embora aconteça à base do improviso. O *festeiro* (patrono da festa) é escolhido a cada ano, no próprio momento do ritual, por um dos dois participantes, que ali lutam simulando um duelo, cada um com um pedaço de pau. Na sequência da luta, para surpresa dos presentes, um deles aponta o *festeiro* que, segurando a arma é neste ato, o escolhido. Esta escolha pode recair num homem ou numa mulher, que, ao ser escolhido(a), brada, na hora, que assume os gastos com as despesas para a realização da festa do ano seguinte.

Há a missa solene, seguida da procissão, cujos devotos, aos cantos e orações, percorrem as principais ruas do Arraial. Mas o mais empolgante é a “puxada do mastro” um imenso toro de madeira todo enfeitado, que é conduzido até à Igreja e de lá (depois da benção) é levado e infincado num lugar definitivo, donde é levantado e encimado por uma bandeira com a imagem do santo.

Não usam máscaras, como os adeptos de Ilhéus, observados por Wied, que assistiu por lá alguns participantes usando máscaras e pintados, e que desempenham um enredo: “(...) havia dois partidos que se guerreavam, os portugueses e os mouros”. (34).

Aqui eles não usam máscaras e nem louvam ao santo, referendado como patrono espiritual dos estivadores, como em Ilhéus. Somente pintam o rosto com o urucum. E a arma, ou seja, os paus com que duelam, e que é o momento mais palpi-

tante da festa, são de cores diferentes, sendo, o branco, representando a paz e o vermelho, a guerra. Festa de muita animação, onde rola muita cachaça ao som do refrão:

“Ô, Sebastião!
Ô, chegou o dia!
Viêmo festejá
Com toda alegria!” (bis)

CANDOMBLÉ

É indiscutível que os nossos irmãos negros não nos deixassem marcas indeléveis, com suas crenças e seus ritmos. Embora a tradição do candomblé muito forte em toda a Bahia, aqui no Arraial nunca ninguém soube dizer que existiu a sua prática. Ouve-se falar sobre o *bater tambor* ou *batuque*, que uns negros que por aqui viviam (procedentes de Belmonte, na sua maioria), de quando em vez se reuniam e, entre eles, batucavam e cantavam. Era uma coisa só deles, com reservas e muito raramente.

Nem mesmo algum *terreiro* ou *centro* de candomblé por aqui se teve notícia. Dona Naninha, uma das moradoras mais antigas do lugar, filha de pretos descendentes de Nagô, relembra do que sua avó lhe dizia sobre isso. Que não dava certo abrir um terreiro no Arraial d'Ajuda, devido haver aqui por essa região, muitos *canais*, ou seja, muitas “linhas cruzadas”.

Mas, se não existiu a prática do candomblé, se não houve *terreiro*, ficou até hoje, a receita dos raizeiros e benzeiros, dos seus “trabalhos” para curar do “mau olhado” e dos “encôstos”. Dos banhos de folhas, dos defumadores, do chá das ervas e plantas...

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Folia, também. O festejo, mesmo, era em Trancoso, mas aqui no Arraial se refletiu, graças ao incentivo do *negro* Gervásio com os irmãos e mais João Prefeito, Fabriciano, Adolfo, Zé Cabôco, Chico Fadiga, João do Carmo e outros. Iam cantando

e andando, acompanhados de gente que se incorporavam à animação, e “tiravam esmola”, de casa em casa, arrecadando uns trocados pra pagar a “missa do padre” e comes e bebes pra os participantes, pois chegava gente de outros lugares, pela época dos festejos natalinos.

Os instrumentos (alguns confeccionados pelo próprio Gervásio) Cuíca, Escuvum, pandeiro, cestinha e o famoso *queré-queré-de-tambu*.

SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

Segundo “Dicionário do Folclore” do Cascudo, “os negros bantos tiveram seu culto e os jêjê-nagôs identificaram Cosme e Damião com os orixás sudaneses”.

Aqui o dia da festa é 27 de Setembro, na mesma data em que nasceram esses irmãos-santos “martirizados em Egéia, Cilícia, Ásia Menor”. (31).

A promessa feita a São Cosme e Damião, pelo nascimento do filho, leva a um compromisso religioso, até a criança atingir a idade de sete anos. Há uma oferenda todo o ano, onde é servido o tradicional caruru. Dizem que é a festa que dá início ao ciclo-do-dendê, entidade de IFÁ.

Os que promovem a festa não cobram nenhum valor pelas iguarias e quase sempre até estranhos que se aproximam provam do caruru. Mas essas obrigações tão rareando, por decorrência do alto custo de vida. Pra comprar camarão seco a 20 mil, quiabo a 4 mil e a castanha a 18 mil, não fica muito fácil, como neste ano de 92.

Improvizam um altar. Acendem velas para os santos e deram pipocas aos ss/pés. Há um ritual na hora da ceia. São necessários sete crianças presentes, do contrário, não se dá início à comelância. Participando de uma festa dessas na casa de uma “devota/festeira”, foi preciso correr um pouco atrás de crianças com menos de sete anos, pra dar início à festa.

Não é com certeza que os índios Pataxó foram os que aqui habitavam o litoral do Extremo Sul da Bahia à época da invasão e/ou do "Achamento Português do Brasil", em 1500, como muitos afirmam. Dizimados e apavorados, "assombrado de ainda estar vivo", no dizer de Cascudo, nossos índios que sobreviveram, ficaram diante do pânico, sob a pressão constante do medo e do terror, que lhes causaram os senhores de engenhos, os "donos da terra", a perseguição e o cabresto dos jesuítas, que fizeram "*do curumim, o homem artificial que quis*" (Gilberto Freire).

Os Pataxó foram citados pela primeira vez, em 1662, pelo Pe. Simão Vasconcelos, que os incluiu, juntamente com os Puris e Aïmorés, "*entre as tribos Tapuias do Rio Doce*" e que "*surgem alternativamente, no Alcobaça, no Prado, em Camechatiba, Trancoso, etc.*" (35).

Maximiliano foi testemunha ocular, lado a lado e frente a frente, com grupos esparsos, dessa tribo. E assim os descreveu: "*No aspecto externo, os Patachó assemelham-se aos Puris e aos Machacalis, com a diferença de que são mais altos que os primeiros(...) embora alguns rapem toda a cabeça e deixam só um pequeno tufo adiante e outro atrás(...) há o s que furam o lábio inferior e a orelha, metendo um pequeno pedaço de bambu na abertura(...) assim, os Patachós são, entre todas, os mais desconfiados e reservados, sendo muito raro permitirem que os filhos se criem entre os brancos, como as outras tribos o fazem prontamente*". (36).

Não só vieram do sertão, como afirma Vasconcelos, pois para Gabriel Soares, "*Os da Bahia asseveravam haverem al chegado, vindos do sertão e d'além do Rio São Francisco*". (37).

Não se pode afirmar com segurança que foram os pataxó, descendentes direto dos Tupi ou Tupirambá ou Tupiniquim. São classificados como grupos indígenas do Tronco Macro-Jê, da família dos Maxacali, com língua(Pataxó), de há muito não mais falada.

Trinta anos após as referências de Maximiliano Wied (1835/37), Manoel Ayres de Casal registrava que os "Patachós ou Cotochós, já não existiam"(38).

Segundo dados da associação Nacional de Apoio ao Índio da Bahia (ANAI), existem cerca de 7.500~~0~~ índios espalhados dentre os: Pataxó, Pataxó-Hã-hã-hãe, Kiriri, Pancacaré, Tuxás,

Baenam, Caîmbé. Mas, restritamente a esta região, vivem em total degredação, uns três mil índios, agrupados em aldeias, isto é, em Porto Seguro e Cabralia.

Naturalmente, que a importância indígena na formação da etnia do povoado, do hoje Distrito do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda, foi compartilhada com a do negro e dos estrangeiros do além mar (portugueses, franceses, holandeses, ingleses, espanhóis), enfim, uma temperada ibero-pindoramaica, um interrelacionamento sexual que se foi misturando desde o século 16 em fora. Como bem disse o "sêo" Raimundo Valiense: "O pessoal que começou a viver por aqui, foram, se acaboclando..."

Bibliografia e Citações

- (1) Edelweiss, Frederico - in "As Primeiras Igrejas, as Casas dos Jesuítas e as Portas Setentrionais da Cidade de Tomé de Souza" - Revista do Instituto Histórico Geográfico da Bahia - nº 82, p. 62.
- (2) Cardim, Fernão (Pe.) - "Tratado da Terra e Gente do Brasil", 3ª Edição, Cia. Editora Nacional (MEC), 1978, PG. 232 - São Paulo.
- (3) Revista do Instituto Histórico Geográfico da Bahia, nº 84 - "Carta do Capitão de Porto Seguro-Duarte de Lemos", em 14/julho/1550.
- (4) Pimenta, José de Melo-in "A Santidade de Nóbrega e a Festa de N. Senhora d'Ajuda em Porto Seguro - Rev. Gazeta do Descobrimento, nº 2 - Publicação (1989).
- (5) Obra Citada, ibidem.
- (6) Cardim, obra cit., pg. 232
- (7) Gabriel Soares - "Diálogos da Grandeza do Brasil", parte II, pg. 147, 2ª edição de 1990.
- (8) Fontana, Romeu - "Porto Seguro/da Aldeia de Pescador a Aldeia Global", edição de 1990.
- (9) Wied, Maximiliano-in "Viagem ao Brasil", Cia. Editora Nacional - São Paulo, 1958 (2ª edição). Anot. de Olivério Pinto.
- (10) Tavares, Luiz Dias - "As Villas e Povoações,... " -in Revista do Inst. Histórico Geográfico da Bahia, nº 84.
- (11) Wied, obra cit.
- (12) Cardim, obra cit.
- (13) Edelweiss, obra citada.
- (14) Rev. do Inst. Hist. G. da Bahia, pg. 204, nº 82.
- (15) Alencastro, Luis Felipe-in "Folha de São Paulo", ed. 12/out./1991.
- (16) V. IPAC - Inventário de Proteção do Acervo Cultural Sul Bahia, 1988.
- (17) Morel, Edmar "Sob os céus de Porto Seguro", pg. 51.
- (18) Freire, Gilberto-in "Casa Grande & Sensala", pg. 147.
- (19) Cardim, obra cit. - Rodolfo Garcia - pg. 232.
- (20) Campos, José da Silva - "Lendas de Porto Seguro", pg. 101.
- (21) Brandão, Carlos Rodrigues, "Congos e Congados"
- (22) Fontana, obra cit. pg. 53.
- (23) Freire, G. - Obra cit., pg. 200
- (24) "História Geral do Brasil" - Vol. 3. Tomo V, pg. 23
- (25) "Sob Os Céus de Porto Seguro", ed. 1939.
- (26) "Enciclopédia Barsa" - vol. 6, pg. 404 - Ed. 1964.
- (27) Morel, Ed. - Obra cit.
- (28) Bueno, Silveira - Dicionário Tupi.
- (29) Tibiriçá, Luis Caldas - "Dic. de Topônimos Bras. de Origem Tupi".
- (30) Cascudo, Luis Câmara ("Dicionário do Folclore Brasileiro)
- (31) Câmara Cascudo obra cit. pg. 154.
- (32) Wied, obra cit. pag. 359.
- (33) Ibidem, 163.
- (34) Ibidem, 168.
- (35) Ibidem, 324.
- (36) Soares, G. - Obra citada.
- (37) Manoel, Ayres Casal - "Biblioteca Inter. de Obras Célebres - V. XII, pag. 5176, edição de 1847.

Ilustrações: A. B. Régis

"quem diria, quem diria,
uma rua chamada broduéi
no extremo sul da Bahia..."

O nome foi dado há uns 13 anos, por uma crioula chamada Loreta da Martinica, que, embora com este nome latino-americano, era daqui da Bahia. Isto, por ser o point mais frequentado e de maior agito. O nome pegou, como alusão à mais famosa rua de Nova York, a Broadway.

Aos poucos, os mais antigos que ali tinham suas casas de moradia, foram cedendo, juntamente com outros que moravam na periferia do centro distrital (Rua do Campo e adjacências do Cemitério de São Benedito), foram como que arredados pela força do dólar e do avanço urbanístico, inevitável.

Hoje, na broduéi, só resta uma casa de taipa onde mora a velha Colinha, comprimida pelos sons altíssimos das casas noturnas, com seus olhinhos acesos e seus tímpanos apagados.

Tão logo ocorreu a primeira mudança no espaço urbano dos ajudenses, que, por força desse avanço, criaram o seu primeiro bairro, o "Bairro Novo", à uma distância de dois quilômetros.... Nunca mais se há de ouvir uma expressão como a da tia Neusa, dias antes da mudança da periferia central d'Ajuda:

" - Nêga, lá tem fogo aceso?
- Tem, sim!
- Manda um tição pelo o Zézinho!..."

(P. P.)

Impresso na Indústria G
Rua Prof. Santos Ferraz,
Fone: (082) 231

Diagramação, Arte Final e C
Fotolito e montagem